

O ARTILHEIRO.

*Alguns vão maldizendo, e blasfemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubicozo, e silibundo;*

CANÇÕES.

PORTO ALEGRE, NA TYPOGRAPHIA DE CLAUDIO DUBREUIL E C.— ANNO DE 1837.

PORTO ALEGRE.

Os annos do Artilheiro.

Hoje faz annos o Sr. Artilheiro, quantos isso he segredo, para que se lhe não diga, que *desca idade morreo hum burro a seu Pai*, e como he dia grande veste o Artilheiro o seu fardamento rico, e tem o gosto de offerecer aos seus amigos o seguinte

CHÁ.

Hum Camarada do Artilheiro, similhante a huma mulher na curiosidade, apostou, que havia de conhecêr a *Farrapa*, que deu o doce, de que trata a anecdota; que no numero 2.^o contou o Artilheiro, e começou a dizer a quanta *Farrapa* via — *olha o doce* — a tantas disse *olha o doce*, que por fim huma., que se espinhou todo com o ditinho, deo a conhecer ser ella. Apre com o curioso! Bem se diz, que *quem porfia*, mata caça.

BISCOTINHOS.

Ao ver a proclamação do Exm. Snr. Nunes disse certo capadocio, quando leu — *Vivão os Legalistas desta Provincia* — olha o maganão como se esclue do numero, não quiz esperar, que nós fisessemos a exclusão! Que má lingua, diz o Artilheiro.

FATIAS TORRADAS.

Queixando-se o Pai Matheus da sua infelicidade por logo se saber do *porco*, e

dos dusesentos mil réis, disse-lhe hum sujeito: Homem do *porco* não me admiro, que se soubesse; porque *ladrao* nenhuma he capaz de *furtar hum porco*, sem se sentir; mas dos *dusesentos mil réis*, isso me admira bem!! Boa graça, chamar assim de *Ladrao* a hum homem!

Mão chamem de paio ao Artilheiro, por no dia de seus annos dar chá, biscotinhos, e fatias torradas, olhem que he á gusta de Vossas mercês.

LA VAI BALA RAZA.

Já he muito o que se falla, e muito he o que por ali se diz acerca de soltar presos pronunciados: o Artilheiro não pôde inda, que queira, deixar de fazer fogo, e fogo mui vivo contra *semelhança* abuso, que fere a Lei mui directamente, e que impece a cauza, que deffendemos. Segundo consta ao Artilheiro, que se o Sr. Feliciano Nunes Pires da pouca popularidade, que tem; da força moral, que lhe estão tirando, e de que o querem *dominar*: todas estas queixas seriam bem fundadas, e dignas de attenção, se, enquanto á primeira, S. Ex. não viesse acompanhado do Rio de Janeiro pelas personagens, que veio: se, pelo que respeita a segunda, S. Ex. não tivesse seguido tão má politica em sua administração, como tem seguido, ja soltando presos pronunciados, ja convindo em tratados com os rebeldes, sabendo a má

to, com que elles obrião, e finalmente consentindo conferenciar com os rebeldes pessas suspeitar: quanto a terceira, se censurar os actos de S. Ex., mostrar-lhe o verdadeiro espirito da Lei, he querer dominar-o então a sua queixa he justa; mas se não he, como se queixa de que o querem dominar? Queixe-se S. Ex. de si mesmo, e não dos outros: se o que tem apparecido he acto seu, a culpa he do Sr. Nunes, se he acto dos outros que o rodeão, tambem a culpa he do Sr. Nunes, por convir nelle.

A politica do Sr. Nunes em sua Administração pelo que respeita a soltura de presos he pessima no todo, como o Artilheiro passa a mostrar nos seguintes provarás, visto S. Ex. entender alguma coisa de rabolice.

I. Provará, que de semelhante medida não resulta senão mal a Legalidade; porque, ou o preso depois de solto fica na Cidade, ou vai para fora, e se fica na cidade, o espirito de partido, a vingança, e odio o induzem a tramar alguma conspiração, e ficamos então com inimigos fora, e dentro: se vai para fora, necessariamente se vai unir aos outros; ou por força, ou por gosto mais antes.

II. Provará, que de semelhante medida não resulta senão mal aos Legalistas, e bem aos Farrapos: mal aos Legalistas, porque desaninhando a impunidade do crime; e bem aos Farrapos, porque tomão, gaiz, e nos fazem mais crua guerra, certas da que não são punidas.

III. Provará, que semelhante medida não produz outro effeito, senão a carniceira, porque concedendo, que os Legalistas não demorem, logo que se trata de prender, em prender alguma farrapo, qual será o doido que o faça? Nemum: mata, e mata; pois se se prende, sabe solto em poucas dias: vice-versa o farrapo, que foi preso, e depois solto, considera quem o prendeo, como seu maior inimigo, que necessariamente assassina em occasião oportuna.

IV. Provará, que se soltar presos pronunciados he hum absurdo, que se

faz contra a Lei; porque hum preso depois de pronunciado não está mais attribuição de S. Ex. o solta-o, he ao Poder Judiciario que compete, ou punil-o, ou absolvel-o.

O Artilheiro quer, que impere a Lei em todo o caso, e mais desejava, quando fallasse dos actos de S. Ex. das salvas de alegria, do que gastar balas, bombas etc. Siga S. Ex. a riscar a Lei, não procure senão fazer triumphar a Causa da Nação, e emende alguns erros, que o Artilheiro será o seu maior Apologista, e assim terá o Sr. Nunes conceito, popularidade, e força moral, como lhe couvem, d'outro modo não só realisará o que os Periodicos da Corte dizem delle, como terá o Artilheiro sempre pela prôa, com sua Peça, e Obuz. O errar he dos homens, mas errar, e proseguir com o erro depois de advertido he teima, he orgulho, e talvez ignorancia.

SERA' COMPATIVEL COM O NOSSO CARACTER A REPUBLICA?

Cada hum para o que nasce, diz o dictado: he este hum dictado, que se senão tomar no seu verdadeiro sentido, parece hum absurdo; elle não quer, dizer, que se não figão as diligencias, e esforços possiveis para mudar de condição, por esta que o pobre, porque nasceu pobre, não apire a ser rico, nem se esforce por adquirir fortuna, e cabedues; quer dizer, que quando qualquer tem de ser desgraçado, em vão luta com a sua sorte, com o seu destino, elle não mudará de condição. Os nossos antigos, quando empregavão este dictado, parece, que admitião o fatalismo; mas e certo he, que a experiencia mostra continuamente realçada a verdade, que elle em si encerra, não só em qualquer individuo, mas até em especies, e classes, por ex.: os Pretos, que por mais, que se esforcem, por mais que se fatiguem, nunca melhorarão de sorte, nem sahirão de sua humilhante condição; e isto se deve entender, tanto com

os que existem entre nós, como nã s genericamente com as diversas Nações, que delles ha em Africa: sempre abalados, sempre ignorantes, e sempre escravos.

O Universo representã huma casa, os Povos huma só familia, e cada Nação hum individuo dessa familia. Se hum Pai de familias, que tivesse muitos filhos, quizesse, que todos elles seguissem a mesma profissão, poderia encontrar em todos elles vocação, cara, ter ou indole para essa profissão, a que os destinava? Certamente não, e debalde se esforcaria por contrafer a natureza delles. Se o Universo representã huma casa; os Povos huma familia, e cada Nação hum individuo della, podem por ventura as Nações ter o mesmo caracter, a mesma indole, costumes, e vocação? Não: ás vezes Nações vizinhas tem tanta differença em seus costumes, e caracter, como tem o branco do preto.

Apparecerão pela vez primeira as Instituições livres no mundo, e á maneira de todas de vestidos, todas as Nações as quize adoptar. Pergunta agora o Sr. Artilheiro, todas as Nações tem o mesmo caracter, os mesmos costumes, indole etc. Não; pois então cada hum para o que nasce. Do querer por força adoptar certa forma de governo, que he incompativel com o caracter, e costumes de huma Nação, resulta a guerra civil, para o que venha a Hespanha. E te reino nunca conheceo outra forma de governo, senão o Monarquico absoluto, em 1812, se bem se recorda o Artilheiro, adoptou o Monarquico constitucional, que não pode durar, e tornou ao antigo; por fim tornou a adoptar o governo monarquico constitucional; e por ventura será esse o vot geral da Nação? Não: o paiz nada em sangue; pois então cada hum para o que nasce.

Portugal esteve sempre debaixo do jugo despótico, e em 1821 á imitação das outras Nações, fez huma Constituição; mas que tempo durou? Mai pouco; tornou ao antigo, e em 1827 de novo adoptou a Constituição, que apenas durou hum anno, e agora felizmente he re-

gido por ella. Mas que crises desgraçadas não tem experimentado? Pessima coisa he querer fazer a felicidade dos vindouros com a desgraça, e ruina dos presentes; não o Artilheiro não tem dessas philantropias, se tal nome merece semelhante mania, elle, sem ser egoista, segue á maxima— Primeiramente eu, depois eu, e do resto se chegar para nós.

O Artilheiro tem feito este longo preambulo para dizer, que a Republica não he compativel com o nosso caracter, indole, e costumes nacionaes: quando com a Monarquia Constitucional Deos sabe como nos arranjaros, e se o que estamos experimentando he proveniente do pouco, que para tal instituição estavam predispostos, por termos sido, para assim dizer, amamentados com o despotismo, que fará com huma instituição mais ampla como a Republica? Não convem: contentemo nos com o que temos, para não fazer mos a felicidade [imaginarã] dos vindouros com a nossa desgraça, e ruina.

MÉTR. ALHADA.

Ante hontem de noite tocou ao Artilheiro fazer a sua sentinella das 7 às 9 horas, e logo que foi rendido, procurou descançar; porque na madrugada tornava a entrar de sentinella, e como era cedo ainda, e os outros Camaradas se entretinhão em conversas, não pôde conciliar o somno. Enrolando-se no pouxe deitou se o Artilheiro, e como quem não quer a coisa, applicou o ouvido para escutar huma conversa a dois sujeitos, que não pôde conhecer, mas que designará pelos nomes de Gogalo, e Crespin, a fim de se entender o que disião. Elles ja conversavão ha muito tempo, e baixo, mas quando o Artilheiro escutou, quem tinha a palavra era

Crespin. O velho a quem escreve Carta queixando se de que o queriam dominar, e promettendo aniquilar em breve essa facção? Quando elle diz isso para o Rio Grande, que fará para o Rio de Janeiro, que he mais longe!

Gonçalo. Escreveo a . . . (*fallou tão baixo, quando pôde ser ouvido do Artilheiro*)
Leitor do Campião, a Vóz da Verdade, e o Artilheiro?

Crispim. Lá, e não sei como entenda o tal dominar, nem o aniquilar essa fucção!

Gonçalo. Eu te explico o dominar: tu te lembras, quando andavas na escola, quantas vezes o Mestre errava, e atrevia-se por ventura alguém a contrariar os seus erros?

Crispim. E a palinatória?

Gonçalo. Muito bem; pois vê, o homem sempre acostumado a faser o que queria, e a nunca ninguém lhe lir a mão quando errava, julga, que por lhe mostrarem os erros, e a Lei de que abusou, he querer dominar-o.

Crispim. He boa asneira essa! Mas como se entende o aniquilar essa fucção? Eu sempre ouvi dizer, que aniquilar he unicamente attributo da Divindade; mas espera, como o Apostulo S. Matheus está a seu lado pode sêr, que faça essa maravilha, pode sêr!

Gonçalo. Não, isso não se toma tanto ao pé da letra, quer dizer que hade subjugar, e bater, e suplantar. . . (*fallarão tão baixo, que nada podia o Artilheiro perceber.*)

Crispim. A quem? Ora deixa-te disso. Nós, que não tememos as balas dos farrapos, havemos de temer o pobre velho, que Deos sabe o que lhe acontece, quando ouve roncãr o bronze?

Gonçalo. Homem, a intriga he a mais poderosa arma, que ha, e por ella quer ver se nos de-a-re-lita, mas perde o seo tempo, todos o conhecem: vê o que diz o Sete d' Abril, e o Cincinato! O homem nunca se viu em taes assados, e se tem assistido a alguma contenda, he só a de alguma Sabbathina, da qual elle dizeia de cadeira.

Crispim. A indignação he geral, e como nós temos união hade virar-se o fogo contra o feiticeiro.

Levantarão-se o dois sujeitos, e nada mais ouviu o Artilheiro, que arrebatava de vontade, que tinha de gritar lhes — apouco, meus Camaradas — mas por que não queria interromper a conversa,

[4]
se e neve, e se conservou tão quieto, que nem se atrevia ao menos a sacudir as pulgas, que erão tantas como fôrmiças. Grande he o desejo do Artilheiro em conhecer os dois Legalistas de chapã para lhes dar hum abraço bem apertado!

As modus das Senhoras.

Ora Senhor Artilheiro vai sua mercê metter-se em boa rasenda, verá o lucro, que tira disso, e que inimigos mais terri-veis do que os farrapos lhe vão apparecer! Mas que? Deixar de fallar, e dizer o que em sua consciencia pensa com receio de mulheres? Isso he cobardia: se ellas não gostarem, gostão os maridos, e Pais; porque sempre he advogar huma causa a favor de seus interesses, e o dinheiro, como se costuma dizer, he o sangue da gente.

São estes os entes de rasão, que com sigo mesmo formou o Artilheiro, quando projectava dar a sua pennada sobre as modas das Senhoras. O caso he serio; porque huma mulher irritada, e tomando qualquer entre dentes, he hum inimigo temível, que não poem matar ao seu furror; e que he hade faser o Artilheiro, fogo de bala, bomba, ou metralha? Seria huma vergonha. Que pragas, que nomes injuriosos não dirão contra o Artilheiro! Elle ja parece, que lhes ouve dizer, que huma bala lhe leve a cabeça: mas... ella cá está ainda. Ein fim succede o que succeder, ellas não hão de ser tão injustas, como isso se o Artilheiro lhes chamasse feias, isso sim de certo as havia de escandalisar, e mal estava elle, pois chamando-se feia a huma mulher, a sua ira, odio, e vingança são eternos: elle fallando das modas, e no geral, sem personalisar alguém não as offende, antes advoga a sua causa, e deseja a sua felicidade real.

Parece huma fabula o dinheiro, que hum Pai, hum marido despande superfluamente na roda do anno com ninharias, e frivolos enfeites para trazer a filha, a mulher no tom da moda: a loucura de hum Pai em satisfazer a vontade da filha a esse respeito he mais desculpavel, do que a de hum marido; porque

[5]
o Pai o que quer he desfazer-se de hum alcaide, e como sabe, que a maior parte dos homens [esperem que o Artilheiro logo lhes vai ao pelego] se levão de exteriores, quer ver se trazendo a filha no ultimo ponto da moda, acha quem o alivie daquelle peso; mas a loucura de hum marido não tem desculpa alguma, e he digna de caustico na nuca.

Huma mulher não aspira a outra coisa senão a se cazar, e logo que o consegue não deve cuidar em outra coisa se não em faser a felicidade de seu marido, cuidando no arranjo de sua casa, e na boa educação de seus filhos, se os tem: sahir desta regra he não ser boa esposa, nem boa mai de Familia, he querer, que se suponha mal della, he finalmente dar motivo ao mundo, a que falle, e muitas vezes sem rasão. Huma moça se se enfeita he para agradar; cazou, não tem mais a quem agradar, se não a seu marido; para lhe agradar não he com teitias, nem com frivolas exterioridades, que o ha de conseguir, he sim com suas boas qualidades, e se as não possuir, os enfeites não lhe dão: ora se huma moça depois de casada não tem mais a quem agradar, senão a seu marido, para quem não servem exterioridades, e se depois de cazada, e talvez mai de filhos, continúa a enfeitar-se, a quem procurará agradar? Aos outros: logo o marido he toleirão, e a sua loucura he infinitamente mais culpavel do que a de hum Pai, por concorrer para a sua desgraça, sustentando a vaidade de sua mulher.

Mas dirá alguém, como podê hum marido reformatar a sua casa se sua Mulher acostumada sempre a nada faser, a estar sempre á janella, a gastar a maior parte do dia no toucador, e ajuntar em cima de si tanta ninharia, e bagatella, que nem huma negra miaa, no tempo de solteira teve sempre hum Pai, que lhe fizesse a vontade? Ah por isso o Artilheiro diz, que a loucura de hum Pai dessa natureza he grandê. De duas huma; ou caza por paixão, ou por interesse: se por paixão, a mulher tem-lhe amizade, e então procura faser as vontades de seu marido,

que devo saber dictar a lei, em que ella deve viver: se por interesse, esses casamentos sempre são prejudiciaes, e suas consequencias tristes; mas elle he quem governa, e assim como consultou só, e tão sómente o seu interesse para se casar, o mesmo deve consultar a bem da honra no arranjo, e ordem da sua casa. Grande desordem vai no puleiro onde a galinha governa mais, que o gallo!

— Por agora basta —

LA' VAI BOMBA.

Hum dia desta semana passando casualmente o Artilheiro em certa rua vio dentro de huma loja huma grande roda de sujeitos, que aplaudião muito, o que hum dellas dizia: o Artilheiro como curioso parou-se defronte á porta, e ouviu o seguinte a respeito de Joaquim Vieira hir conferenciar com Netto. Dizia o sujeito: diz Valerio Maximo, que marchando Alexandre Magno com hum poderoso exercito para destruir a Cidade de Lampsaco, e vendo sahir fora das muralhas desta Cidade seu mestre Anaximenes, e dirigir-se ao seu acampamento, jurou porque bem cõhecia, que Anaximenes lhe hia pedir a conservação da Cidade] que não faria, o que seu mestre lhe pedisse; então Anaximenes sabendo a resolução do rei, lhe disse: pego-te, que destruas Lampsaco. A intenção de Alexandre era de destruir a Cidade, e a de seu mestre de a evitar, o que conseguiu pedindo o contrario do que queria. Analogia do factò:

Dizem, que Netto vendo sahir fora das trincheiras, e dirigir-se para o seu acampamento Joaquim Vieira, e julgando, que elle lhe fosse pedir, que se retirasse, e que não bombardasse mais a Cidade jurara, que não faria o que o seu amigo Joaquim Vieira lhe pedisse. Joaquim Vieira sabendo a intenção de Netto, e vendo que se malograva o seu desejo, se lhe pedisse, que bombardasse a Cidade, dizem que dissera — O Netto não deites mais granadas na Cidade porque não fizes mal senão a ti e a ti — Netto para cumprir

o seu juramento e os desejos de Joaquim Vieira dali a 2 dias deitou 160 granadas na Cidade.

A analogia he exactissima, excepto na disparidade, que ha em Alexandre e o guicho Netto, Anaximenes e o quidam Joaquim Vieira. O Artilheiro poz-se a pannaos antes que o sujeito lhe procurasse alguma analogia tambem.—

Que bens nos tem resultado da revolução?

A guerra civil he o maior flagello, que pode opprimir hum Povo: por mais florecente, que seja o seu estado, por mais rico, que seja, e poderoso, elle fica em breve pobre, e abatido com a guerra civil. Roma; essa Senhora de quazi meio mundo; então cohecido, com a guerra civil vio eclipsar-se o seu poder, e della datar-se a sua ruina; e decadencia. Athenas a mais poderosa, e florecente das Republicas Gregas chegou a tal gráo de desgraça, e abatimento com a guerra civil, que de Senhora, que era, ficou quazi redusida a ser escrava das outras Republicas, e por fim desapareceu do catalogo das Nações. A França, reino vastissimo, e poderoso tinha tocado o zenite da sua prosperidade, e grandeza, quando fez a revolução, que levou ao cadafalso o seu Rei Luiz 16, e outros homens illustres; porem depois vio-se inundada no seu proprio sangue: pobre, e abatida teve de se sujeitar aos caprichos dos vencedores!

A guerra civil he o mesmo, que huma molestia interior, que ataca os intestinos do corpo humano, que quazi sempre he mortal, e q'raras vezes se lhe dá remedio: huma parte infecta a outra, e se hum perito facultativo immediatamente não ataca o mal, em breve a morte he a consequencia infallivel. A sociedade mui bem he comparada ao corpo humano, e cada membro della representa as partes de que elle se compoem. O perito facultativo deve ser hum bom Governo, que deve atallar o mal no seu principio com medidas sabias, e energeticas conforme as circumstancias o pedirem.

Relações de amizade, e parentesco compellem a envolver-se em hum partido cada hum dos membros da sociedade, e dali nasce a desunião, desta a guerra civil, e suas terriveis consequencias; cada hum respira vingança, e odio: o assassinio, o roubo, o incendio etc. são os meios de que cada hum

lança mão para abater o seu inimigo. Similhante ao combatente, que no calor da peleja não sente a dor das feridas, assim hum Povo no ardor das paixões; nada sente. Huma Cidade destruida, huma povoação inteira entregue ao massacre são coisas, que nenhuma impressão fazem no espirito de hum Povo agitado pela guerra civil. Depois que tudo socega, e quando ficão acalmados os espiritos, então he que cada hum começa a sentir o mal publico, e o particular; mas ja não ha tempo, o que se perdeu está perdido sem remedio para sempre.

O estado da nossa Provincia antes da infarnal revolução de 20 de Setembro era o mais florecente possível: havia commercio, e agricultura, as rendas publicas crescião, as fortunas dos particulares se engrossavão com incessantes lucros, a nossa população lia em augmento com a emigração daquelles, que vinhão procurar a nossa hospitalidade, e que sousigo trazião suas riquezas, em huma palavra o nosso estado era o melhor, e o mais prospero. A Cidade de Pelotas o que era, he bem pouco tempo? Hama varsea pantanosa; mas que com huma rapidez quasi incrível se tornou em huma Cidade opulenta, e rica. Agora o que he? Hum deserto, hum vestigio da nossa antiga prosperidade, huma obra da nossa loucura, e barbaridade!!

Innumeráveis Capitalistas tem emigrado para outras Provincias, Estancieiros abastados tem se hido estabelecer na Cisplatina, e Commercio extincto, a agricultura arruinada, a morte tem-nos roubado tantos homens uteis, e necessarios, a nossa riqueza desapareceu! Eis os bens, que nos trouxe essa malvada revolução de 20 de Setembro, feita por ambiciozios vis, que se querião elevar sem merecimento aos primeiros cargos da republica, feita para saciar vinganças particulares e sustentada por caprichos, cujos effeitos ja sentimos, e que mais senciveis nos serã pelo decurso do tempo. A nossa principal riqueza consistia nas grandes manadas de gados, que cobrião nossas campinas, e onde estão? Não existem a vingança até nellas tem descarregado o seu golpe! Com difficuldade se encontra huma res, que noutro tempo custava meia dobla, e tempo virã, que não se achará huma por 40\$ rs! Onde irá isto parar, se a Lei não reformar o seu imperio, e a Justiça não punir os criminosos?

P. Alegre: Typ. de Claudio Dubreuil e C.

O ARTILHEIRO.

Alguns vão maldizendo, e blasfemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubicozo, e siibundo;
CANÇÕES.

PORTO ALEGRE, NA TYPOGRAPHIA DE CLAUDIO DUBREUIL E C.— ANNO DE 1837.

Subscreve se para o —ARTILHEIRO,—
que se publica os Sabbados nesta Typographia á 960 réis por Trimestre; e na mesma se vendem folhas avulsas á 80 réis.

PORTO ALEGRE.

LA VAI BALA.

Hum dos dias da semana passada entrou o Artilheiro na Igreja Matriz, e vendo ha na velha de joelhos diante do altar de Santa Rita, resando com muita devoção, começou a moralisar com sigom mesmo dizendo: ora vejão esta velha desde que vio, que os delcites delle de nada lhe servem já, como procura reparar o perdido na sua juventude, virando-se agora para Deos; talvez, que no seo tempo fosse huma namoradeira de patente, e que arrependida do passado venha reparar neste lugar as faltas, que nelle mesmo cometeu n'outro tempo! Inda mais avante seguiria o Artilheiro com os seus juizos, senão reparasse na velha, que se levantava, e para formar huma idéa exacta da boa devoção della, seguiu-a, e ao sahir da Igreja procurou travar conversa da maneira seguinte:

Artilheiro. Ja sei que a Senhora veio ás preces, que o nosso bom Vigario fez?

Velha. Ja se acabarão ha dias, e agora venho de fazer huma novena a Santa Rita, para ella me alcançar de Deos certo favor.

Artilheiro. Muito bem: talvez a sau-

de para algum seu Filho, ou Netto?

Velha. Não Senhor: se vossa mercê não fosse militar eu lho diria!

Artilheiro. Oh! essa he boa, então por ser militar não sou de segredo?

Velha. Não quero dizer isso, quero dizer, que tenho medo, que me prenda se sonber o motivo, porque faço a novena a Santa Rita.

Artilheiro. Não tenha medo; porque por rogar a Deos algum favor não se prende ninguém: quando os malditos farrapos, que nos querem beber o sangue não são presos, que fará a Senhora!

Velha. Agora sim posso fallar, mas que não nos ouça alguem! Eu ando fazendo huma novena a Santa Rita, para que seja mudado este Presidente; senão rece-me, que logo está a Cidade inundada de farrapos.....

Artilheiro. Não se assuste por lhe mostrar a espada, olhe que he para lhe dizer, que em quanto eu, e os meus camaradas tivernos vida, que tal não ha de acontecer; mas reze sempre, e continue com a sua novena, porque pode ser que Deos a ouça.

Adeos minha Senhora.

Velha. Deos va na sua companhia.

Como se falla muito por ali em novo Presidente, e outro sim, que o Sr. Nunes pediu sua demissão [dizem as más linguas, que por quebrar o esteio a que elle se pertendia encostar] julgou conveniente o Artilheiro publicar a conversa, que teve com a velha, para que todos saibão, que a ser ver lade a demissão, e a vinda de hum